

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE HISTÓRIA**

**LUANA CRISTINA QUEIROZ**

**A MORTE ENTRE PLANOS E PERFORMANCES:  
história das práticas funerárias no Sertão alagoano (2000-2017).**

**Delmiro Gouveia - AL  
2017**

LUANA CRISTINA QUEIROZ

**A MORTE ENTRE PLANOS E PERFORMANCES:  
história das práticas funerárias no Sertão alagoano (2000-2017).**

Artigo apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado em  
História pela Universidade Federal de  
Alagoas.

Orientador: Prof. Ms. Gustavo Manoel da Silva Gomes

Delmiro Gouveia - AL

2017

Q3m Queiroz, Luana Cristina  
A morte entre planos e performances: história das práticas  
funerárias no Sertão alagoano (2000-2017) / Luana Cristina  
Queiroz. - 2017.  
26f.

Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade  
Federal Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.  
Orientação: Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes.

1. Comércio. 2. Práticas Funerárias. 3. Sertão Alagoano.

CDU 94



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DO TCC DE LUANA  
CRISTINA QUEIROZ, REALIZADA NO DIA 19 DE  
DEZEMBRO DE 2017.**

Aos dezenove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezessete, na Sala dos professores de História do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, na cidade de Delmiro Gouveia, foi instalada a sessão pública para julgamento do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pela acadêmica do Curso de História, Luana Cristina Queiroz, matrícula de número 11212289, intitulado: **A MORTE ENTRE PLANOS E PERFORMANCES: história das práticas funerárias no sertão alagoano, (2000-2017)**. Após a abertura da sessão, o Prof. Ms. Gustavo Manoel da Silva Gomes, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores, a Profa. Me. Rosely Tavares de Souza (UNINASSAU) e o Prof. Me. Leon Adan Gutierrez de Carvalho (UFRPE). Foi dada a palavra ao autor, que expôs seu trabalho e, em seguida, ouviu-se a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas da aluna e, em seguida, os comentários da banca. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu aprovar o trabalho com nota **9,3 (nove vírgula três)**. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem é de direito. Campus do Sertão/UFAL, Delmiro Gouveia\AL, 19 de dezembro de 2017.

*Gustavo Manoel da Silva Gomes*

Prof. Ms. Gustavo Manoel da Silva Gomes  
Universidade Federal de Alagoas

*Rosely Tavares de Souza*

Profa. Rosely Tavares de Souza  
Universidade Maurício de Nassau

*Leon Adan Gutierrez de Carvalho*

Prof. Ms. Leon Adan Gutierrez de Carvalho  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>4</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>4</b>
<b>1 Introdução: a morte como preocupação histórica dos vivos.....</b>	<b>5</b>
<b>2 Uma breve história das Práticas Funerárias no Brasil.....</b>	<b>8</b>
2.1 Ritos de Sepultamento e os Agentes Funerários.....	11
<b>3 Breves Esboço sobre o comércio.....</b>	<b>16</b>
3.1 Funerária Renascer Assistência Familiar Social e Pós Vida.....	20
<b>4 Procedimentos Metodológicos e análise dos dados .....</b>	<b>23</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>24</b>
<b>6. Referencias.....</b>	<b>26</b>

**A MORTE ENTRE PLANOS E PERFORMANCES:  
história das práticas funerárias no Sertão alagoano (2000-2017).**

Luana Cristina Queiroz\*

Gustavo Manoel da Silva Gomes\*\*

**Resumo:** No ocidente, a morte mesmo sendo vista como o fim, faz parte do cotidiano e da construção social humana. Mesmo havendo um desconforto com o tema, pois o ser humano, nem sempre está preparado para lidar com a perda, existe uma preocupação com “a passagem”, fato perceptível na ocorrência das etapas e procedimentos tomados em relação aos sepultamentos. Na passagem entre os séculos XX e XXI, percebe-se um vertiginoso crescimento de pessoas à procura de organizações que se responsabilizem pelos serviços de empresas funerárias. É nesse contexto que se consolidam as empresas que oferecem serviços cada vez mais complexos de assistência e transformam as práticas funerárias locais incluindo a morte num processo de comercialização. Em Delmiro Gouveia, sertão alagoano, tem se constatado diversas transformações no cenário fúnebre em que as organizações funerárias têm ganhado ênfase no orçamento de famílias preocupadas com “a passagem” de seus entes queridos. O presente estudo tem como objetivo geral compreender as mudanças das práticas funerárias na cidade de Delmiro Gouveia, a partir da chegada da Empresa funerária *Renascença* que se instala no ano 2000, sendo a primeira a oferecer “planos funerários” tanto à cidade de Delmiro Gouveia, quanto às regiões circunvizinhas. A pesquisa contou com uma abordagem qualitativa, desdobrando-se em procedimentos como o estudo bibliográfico e a pesquisa de campo, a partir de entrevistas.

**Palavras-chave:** Práticas funerárias; Comércio; Sertão Alagoano.

**Abstract:** In the West, death, even though seen as the end, is part of daily life and human social construction. Even though there is a discomfort with the subject, since the human being is not always prepared to deal with the loss, there is a concern with "the passage", a fact that is perceptible in the occurrence of the steps and procedures taken in relation to the burials. In the passage between the twentieth and twenty-first centuries, there is a vertiginous growth of people in search of organizations that are responsible for the services of undertakers. It is in this context that companies that offer increasingly complex services of assistance are transformed, and they transform local funeral practices including death in a commercialization process. In Delmiro Gouveia, in the Alagoan sertão, there have

---

\* Graduanda em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão. E-mail: [luaninha\\_kristina@hotmail.com](mailto:luaninha_kristina@hotmail.com).

\*\* Professor Assistente do curso de História, Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão. E-mail: [prof.gustavogomes@hotmail.com](mailto:prof.gustavogomes@hotmail.com)

been several transformations in the funeral scenario in which funerary organizations have gained an emphasis on the budget of families concerned with "the passage" of their loved ones. The objective of this study is to understand the changes in funerary practices in the city of Delmiro Gouveia, from the arrival of the Funeral Company Renascer, which is installed in the year 2000, being the first to offer "funeral plans" to the city of Delmiro Gouveia, surrounding regions. The research had a qualitative approach, unfolding in procedures such as bibliographic study and field research, from interviews.

**Keywords:** Funeral practices; Trade; Sertão Alagoano.

## **1 INTRODUÇÃO: A MORTE COMO PREOCUPAÇÃO HISTÓRICA DOS VIVOS**

Todos temos ciência da nossa finitude, porém mesmo sabendo que um dia iremos partir, falar em morte ainda é um tabu<sup>1</sup> que gera frustração e angústia, mas que leva o homem a ser o único ser que reflete sobre o seu fim, sendo esta uma etapa da vida, este desconforto está relacionado de certa forma ao sentimento de perda, de desligamento com um ente querido, ou de alguém próximo, é necessário um esforço para tratar sobre o tema, abrangendo um conhecimento mais amplo, trazendo a percepção que a morte antes de ser vista como o fim, faz parte da construção social humana, e que as práticas fúnebres vão se modificando e ganhando novos significados ao longo do tempo (GOMES,2003). Devemos desta forma buscar compreender a morte, as práticas fúnebres, ou seja, toda ação humana que a cerca, como um processo histórico.

A morte é cheia de significados e ritualização, os historiadores procuram entender por meio de uma abordagem cultural, os usos e costumes, como a morte vem se modificando ao longo do tempo, cada cultura tem a sua ideia do "bem morrer". A modernidade burocratizou a morte, atribuindo ao Estado a administração dos mortos, fato que acarretou em novos sentidos e contornos ao que antes estava ligado majoritariamente ao universo religioso, familiar ou comunitário. As mudanças nas práticas fúnebres vem se apresentando em um ritmo mais acelerado, as empresas fúnebres passam a ganhar espaço, e vão se fortalecendo ao longo dos anos, modernizando o processo em torno da morte, na perspectiva capitalista, gerando um comércio que precisa ser cada vez mais inovador e complexo, com o

---

<sup>1</sup> O termo tabu nesse presente trabalho será fundamentado com base nas convicções de Marilena Chauí (1995), o termo de origem polinésia, refere-se a algo intocável, interdito, não podendo ser manipulados por pessoas que não estejam preparadas religiosamente para tal.

objetivo de aumentar o número de clientes, ainda que para uma grande maioria a morte não seja nada agradável, é um tema presente no cotidiano da humanidade, e o pagamento do plano funerário começa fazer parte do orçamento familiar, transformando a morte na sentinela da vida.

Segundo E. Morin (1988), mesmo o homem tendo um conhecimento sobre a morte, ele se faz de cego diante dela, não aceitando o fato de poder perder pessoas queridas, o medo da morte acaba impedindo muitos de viver a plenitude da vida, evitando assumir riscos, por medo de morrer, porém a morte está acima do poder do ser humano, pois viver já é em si, reconhecer o perigo de morrer.

O fato de aderir à atividade vital elimina todas as ideias de morte, e a vida humana comporta uma parte enorme de despreocupação pela morte; a morte está frequentemente ausente no campo da consciência, que, aderindo ao presente, afasta tudo o que não for o presente, e, nesse plano, o homem é evidentemente um animal, isto é, dotado de vida. Nessa perspectiva, a participação na vida simplesmente vivida implica em si mesma uma cegueira à morte. (MORIN, 1988, p. 60).

Essa ideia leva a reflexão que nenhum avanço da tecnologia acabará com a morte. Sendo esta companheira desde o nascimento, e é um fenômeno que não se pode voltar para relata como foi a experiência, não tendo limite de idade para acontecer. Sendo desde a infância, a juventude, a vida adulta e a velhice, pode ocorrer em qualquer momento, e por vários fatores, seja por doenças, violência, acidentes, o ser humano está acostumado a se “conformar” com a finitude mais no momento da velhice, porém muitos são os jovens e crianças que morrem de causa natural, este fato não é bem aceito pelas pessoas como algo naturalizado, podemos até imaginar como nossa morte vai ser, porém sempre esperamos o mais tardar possível, pois é do ser humano fazer planos, projetos, e muitos sonhos antes que esta chegue, a morte é um acontecimento que não pode ser desfeito, não se deixa a condição de morto para retornar ao mundo dos vivos, Ruiz Gomes (2006), conceitua a morte como a finitude do processo de desenvolvimento humano.

Kübler - Ross (2012), diz que a morte ainda é motivo de pânico, horror, medo infinito e universal, sendo acompanhada de sofrimento, não imunizando ninguém dela, enfatiza a importância do estudo sobre a morte, ressaltando que esta não é um tema da atualidade, e estudá-la, pode ser um chamado a conhecer quem somos, o sentido da vida, e nossas atitudes diante dela.



Mesmo sendo causa de sofrimento e inquietação, a morte é um tema curioso, pois possibilita olhares por caminhos poucos discutidos, é um assunto pouco dialogado nas rodas de conversas, e quando é inserido, logo causa pavor em alguém. Encontro inevitável a todos, é percebido, sentido e organizado de formas diferentes. Não dá para mensurar o significado da morte de um indivíduo para o outro, pois só quem vivencia o luto, consegue medir o tamanho da sua dor. Desta maneira, podemos acreditar que a experiência frente a morte reconfigura muitos processos indenitários e condutas sociais durante toda a vida de muitas pessoas.

Com base nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho, é o de compreender as mudanças nas práticas fúnebres<sup>2</sup> na cidade de Delmiro Gouveia com a chegada da Funerária Renascer Assistência Social e Pós vida, e como objetivos específicos pretendemos analisar como a morte se tornou um comércio lucrativo na cidade e identificar as possíveis mudanças nas práticas fúnebres nos últimos anos na cidade de Delmiro Gouveia.

O trabalho está dividido em tópicos e tem como fundamentação teórica ideias de historiadores como Reis (1991), Ariés (2012), o antropólogo Morin (1988), entre outros referenciados ao percorrer do trabalho estudiosos que se debruçam sobre o tema da morte, a pesquisa é de caráter histórico não antropológico, pois investiga as mudanças no decorrer do tempo, se debruçando sobre como o conceito, a percepção da morte e as práticas funerárias foi se modificando ao longo dos tempos.

## **2 UMA BREVE HISTORIA DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO BRASIL**

Para uma melhor compreensão das práticas funerárias atualmente, é necessário introduzir um contexto histórico, abrangendo as variações que foram ocorrendo ao longo do tempo. O estudo das práticas funerárias vem sendo pesquisado, estudado por campos como a Arqueologia, História, a Etnologia, Antropologia, ciências que se preocupam com a expansão de grupos humanos,

---

<sup>2</sup> Ressaltamos em nosso trabalho que o conceito de “prática fúnebre” não restringe-se a uma característica singular, mas ao um conceito tripartido ligado ao pensamento, antropológico e histórico. Diante da expansão do tema, iremos nos deter ao pensamento prescrito na cultura Ocidental. A prática fúnebre nesse contexto não é reduzida tão somente ao ritualismo religioso, mas ao dinamismo antropológico e psicológico. A prática fúnebre é uma manifestação antropológica de uma determinada cultura e da sua identidade, um modo de ser social de um povo. V. Gennep (1960), conceitua as práticas funerárias como rito de passagem. O ritual fúnebre é uma forma de realizarmos no nosso psicologismo aquilo que é compatível ao projeto civilizatório, pois nos sentiríamos inapropriados a vivermos sem as consequências últimas.

mostrando a relevância dos mortos enquanto objetos de preocupação, por diversas culturas, mesmo em períodos bem diferenciados cronologicamente. Segundo C. Darwin (2000), a morte tem encadeamentos acerca da conduta de cada espécie, variando conforme a longevidade ou convivência social dos indivíduos, apresentando-se por meio de gesticulações e traços que para ele são elementos de alguns estados de espírito. A preocupação do ser humano com a preservação e proteção dos seus mortos, assim como a transferência e a continuidade de algumas práticas fúnebres de gerações por gerações, são indicativos da aptidão humana de concepção, denominada por K. Lorenz (1995), de pensamento conceitual.

Na historiografia podemos observar o trajeto pelas continuidades e rupturas que ocorreram nos rituais fúnebres, onde em todas as sociedades, a morte de alguém, é representada de acordo com base nas estruturas dos sentidos dados a ela no meio social a qual fazem parte. No livro *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, João José Reis (1991), discorre que no Brasil oitocentista a morte era algo que tinha que ser compartilhado, não poderia ser privada, se fazia necessário a participação além de familiares, mas vizinhos, a participantes da igreja e até mesmo a presença de desconhecidos, isso tudo ocorria para que o moribundo fizesse uma boa passagem, simbolizando e dramatizando o momento. “Muitas são as sociedades nas quais prevalece a noção de que a realização de rituais funerários adequados é fundamental para a segurança dos mortos e vivos”. (REIS, 1991, p. 89).

No estudo feito por Ariés (2012), retratam-se as alterações na sociedade ocidental do comportamento das pessoas perante a morte, nas proximidades do século XII, período que se observa uma preocupação com a individualidade de cada sujeito, partindo da ideia que todos estão destinados a morte, a ideia de juízo final ganha um novo sentido, que anteriormente era visto como um fato que iria ocorrer no final dos tempos, onde todos iriam passar ao mesmo tempo, fundamentado pelas suas ações terrenas, para uma nova realidade, pela qual cada indivíduo será responsabilizado pelos seus atos, propriamente no momento que morre, tendo seu julgamento individualizado, mostrando um olhar do ser humano para si próprio, e a igreja passa a ser inserida na intermediação da passagem da alma ao paraíso.

De acordo com Reis (1991), um novo comportamento sobre a morte e os mortos se deu na França, no decorrer do século XVIII, com o desenvolvimento do

pensamento racional, a secularização do cotidiano da vida das pessoas, seguindo o rastro do iluminismo, da laicização das convivências sociais. Nesse período a morte é romantizada, marcando uma ruptura, estendida do imaginário a realidade, passa a ser exposta em obras de artes, sendo algo fenomenal, onde o homem é lançado a um mundo irracional, cruel, fugindo do cotidiano, a igreja vai deixando de ser local de sepultamentos, perdendo espaço para os cemitérios, erguidos nas extremidades das cidades, marcando assim uma separação entre os vivos e os mortos. É o período em que passa a ser, cada vez mais, função do Estado moderno, para gerir a vida pública, também organizar e administrar o lugar dos mortos. A morte passa a ser burocratizada. Os sepultamentos saem do anonimato, apresentando uma preocupação em definir o local no qual o corpo foi enterrado, este local pertenceria tanto ao defunto como a família.

Assim como Reis (1991) fala sobre a morte pública do século XIX, para Ariés (2012), na Idade Média a morte além de ser pública, ganha um novo significado, sendo acompanhada de exageros, tolerando a morte de uma maneira mais difícil, comparada aos outros tempos, sendo mais temida a morte do outro, do que a de si mesmo, diante dessas transformações importantes, não foi alterado o sentido, era aturada tolerantemente, e com calma entre as pessoas, esta parecia fazer parte naturalmente do cotidiano das pessoas, e do ambiente doméstico e familiar, e a coletividade era de extrema importância, pois o ritual entorno se dava como assistência a um espetáculo de exaltação e conforto.

A morte no leito de outrora tinha a solenidade, mas também a banalidade das cerimônias sazonais. Esperava-se por ela e todos se prestavam, então, aos ritos previstos pelo costume. Ora, no século XIX, uma nova paixão arrebatou a assistência. Ela é agitada pela emoção, chora, suplica e gesticula. Não recusa os gestos ditados pelo uso. Pelo contrário, cumpre-os, eliminando-lhes o caráter banal e costumeiro. A partir de então, são descritos como se fossem uma invenção inédita, como se fossem espontâneos, inspirados por uma dor apaixonada e única no gênero. Naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação. Mas não é somente diante da cabeceira dos agonizantes e da lembrança dos desaparecidos que se fica perturbado. A simples ideia da morte comove. (ARIÉS, 2012, p. 68-69).

Segundo Andrade (2009), as cerimônias que anteriormente eram familiares e públicas, são modificadas na segunda metade do século XIX, dando início a um processo de privatização e recuo, tornando a morte algo solitário, o corpo

do doente na maioria das vezes já não está mais no ambiente doméstico, com seus entes queridos que se faziam presente ao seu lado até o momento da morte, na atualidade, o enfermo é dirigido ao hospital, no qual este passa a ser o lugar mais comum e privilegiado para a morte. Mas mesmo sendo um lugar corriqueiro da morte, esta passa a ser silenciada, pelos profissionais da saúde, com a finalidade de se distanciar da dor trazida pelo falecimento, é possível notar que o hospital acaba sendo um local, onde a pessoa enferma acredita está para ser curada, a morte acaba acontecendo mesmo sem a pessoa se dá conta da aproximação dela.

Para Elias (2001), mesmo tenha uma diminuição do envolvimento da coletividade na morte do outro, vai haver uma preocupação relacionada aos grupos que tenham algum tipo de ligação, conforme Ariés (2012), dá ênfase à morte como um fato social e público permanentemente, mesmo que as pessoas participem de formas variadas.

Torres (1983) revela que se no início do século XX, o tabu era em torno do sexo, no final deste século, já se voltava para a morte, nos dias atuais é mais comum uma criança receber orientação sobre sexualidade, porém se distancia do tema morte, sendo disfarçado e relacionado a algo um tanto distante, evitando-se falar em morte, até mesmo para um enfermo de doença terminal, como forma de poupa-lo da proximidade da sua finitude, pois a consciência que a morte está próximo leva o enfermo a partir mais rapidamente, além do imenso sofrimento que já o atormenta.

A morte na contemporaneidade ganha uma nova ressignificação, na segunda metade do século XX, o velório vai deixando de ser realizado em casa, apesar que em muitos lugares permanecem sendo velado na casa da família, percebe-se um distanciamento cada vez maior como forma de negar a experiência com a mesma de acordo com Maranhão (1986), este fator atinge também os ritos funerários, passando a ser cerimônias discretas, o luto passa a ser mais íntimo e individualizado, e com períodos mais curtos.

Depois dos funerais, o luto propriamente dito. O dilaceramento da separação e da dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto: porém, segundo os novos costumes, eles não deverão manifestá-los publicamente. As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas condolências” e o trajar luto, por exemplo desaparecem da cultura urbana. Causa espécie anunciar seu próprio sofrimento ou mesmo demonstrar estar sentindo-o. A

sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, as escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O luto associa-se à ideia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena. (MARANHÃO, 1986, p. 18-19).

O luto passa a ser vivenciado intimamente, a morte já não é mais vivenciada pela coletividade, estudos apontam que as sociedades individuais tendem a sofrer mais com a dor da perda do que as sociedades coletivas, como se essa dor compartilhada amenizasse de alguma forma a perda ocasionada pela morte.

## **2.1 Ritos de Sepultamentos e os Agentes Funerários**

Os ritos fúnebres em torno da morte, passaram por mudanças significativas, os ritos anteriormente eram organizados pelos familiares, anteriormente havia todo um procedimento assim que se dava o momento da morte, processos domésticos de cuidados com o indivíduo que partia, os ritos se iniciam no âmbito familiar, iniciados com o tratamento do corpo, o corte de cabelo, lavagem do corpo com cachaça e álcool, misturados com água, em seguida vestia-se o falecido.

O cuidado com cadáver era de maior importância, umas das garantias de que a alma não ficaria por aqui penando. Cortavam-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante, um isekú. Tal como os iorubas, o defunto baiano devia estar limpo, bonito, cheiroso para o velório, esse último encontro com os parentes e amigos vivos. (REIS, 199, p. 114-115)

Ao cumprir-se as prescrições de cada cultura, evitava-se um desequilíbrio entre o grupo, pelo fato da possibilidade da alma não conseguir se direcionar para o mundo dos mortos e permanecer vagando errantemente pela Terra, oferecendo riscos para os vivos, o defunto é um passageiro atravessando um percurso, onde se depara com desafios a serem combatidos por ele para que possa passar para um estágio seguinte. Reis (1991), ressalva o temor que o indivíduo deste período tinha com a morte acidental, pois davam ênfase a importância da preparação do corpo para o fim da vida, onde os rituais faziam parte da garantia de uma boa passagem,

abrangendo a relevância de um funeral que correspondesse adequadamente ao objetivo. A boa morte era um momento compartilhado, com testemunhas, sem solidão, Reis mostra que a Bahia do século XIX, já tinha uma preocupação com a preparação para morte, mesmo sendo temida, isso se dava em diversos aspectos, seja na preparação do falecido, como na inquietude em garantir uma boa passagem, afim de garantir a pessoa que partisse para um bom lugar no outro mundo. Nem todo mundo podia tocar no cadáver, precisavam ter características especiais para manipular os defuntos, ter boa conduta, sendo o alfaiate uma figura de destaque em vestir assim como os vivos, mas também os mortos.

Sobre esses usos, só temos confirmação parcial nos manuscritos que consultei. Nestes, a figura que mais frequentemente aparece vestindo cadáveres são especialistas em vestir vivos: os alfaiates. Quando seu pai morreu em 1815, Joaquim Cruz Soledade contratou “um alfaiate para cozer um hábito de vestir”. Mas eles não faziam isso como simples prolongamento do trabalho de costura. Vestir cadáver era serviço à parte. O alfaiate João de Macieira, por exemplo o padre José Alves Barata 1831. Ele recebeu 960 réis apenas “pelo trabalho que tive para vestir o defunto”, como se lê no recibo que passou. O alfaiate era um especialista em vestir defunto. (REIS, 1991, p. 115).

Segundo Reis (1991), a valorização dos rituais funerários para garantir pós morte, e era muito temido a morte sem sepultura, pois esta já viraria alma penada, o enterro era de grande relevância, pois quem morriam de afogamento tanto no Brasil, como na Polônia na metade do Século XIX, já eram considerados na classe dos que virariam demônios, o túmulo era o local onde realizava com precisão o culto funerário.

De acordo com Morin (1988), por mais primitivo que seja, praticamente não existe nenhum grupo que não se preocupe com os seus mortos, o abandonando, sem que realize ritos fúnebres, sendo cremado ou enterrado, muitos são transportados com ritos especiais, e o túmulo é sua casa, o lugar capaz de transmitir para gerações futuras a lembrança daquele que partiu.

[...] pois, embora variando em intensidade, toda morte tem algo caótico para quem fica. Morte é desordem e, por mais esperada e até desejadas que seja, representa ruptura com o cotidiano. Embora seja seu aparente contrário, a festa retorna com o final da festa, a ordem perdida com a morte se reconstitui por meio do espetáculo fúnebre,

que preenche a falta do morto ajudando os vivos a reconstruir a vida sem ele. (REIS, 1991, p. 138).

As pessoas sempre temeram a morte, o que mudou foi a forma de conviver com a mesma, e as atitudes diante ao cadáver, passando a ser cada vez mais repugnante, contribuindo com a profissionalização da morte. Na atualidade o trabalho que é retratado por Reis pelos alfaiates, passam ser desenvolvido por profissionais do segmento fúnebre denominados agentes funerários, estes profissionais muitas vezes são julgados por trabalharem com a morte e até mesmo, serem vistos por muitos como seres frios, por exercerem uma profissão que exige muita coragem, pois lidam com situações de perigo, risco de doenças, sujeiras, e a profissão cobra deles controle emocional, pois lidam com pessoas mortas, quase que diariamente.

Os trabalhadores de funerária são conscientes do constrangimento e desconforto gerado pelo trabalho as pessoas de sua família e sociedade. Além disso, tal trabalho se mostra preocupante na medida em que expõe a riscos da saúde. É penoso devido lidar com o corpo morto afetado em sua integridade (SOUSA; BOEMER, 1998, p.35)

Suas funções são a preparação do corpo, preparação do velório, acompanhamento dos cortejos, o embelezamento do corpo com cosméticos para deixar o mais natural possível, aplicação de conservantes para preservar o corpo por mais tempo, livrando-o de mau cheiro. Facilmente se escuta alguém comentar que foi a um velório e o defunto parecia estar dormindo, ser um agente funerário não é tarefa fácil e nem todo mundo tem coragem, já teve relatos de pessoas que foram fazer experiência e não conseguiram lidar com o cadáver passando mal<sup>3</sup>.

A morte se transforma em um mercado fúnebre através de rituais, e os agentes funerários acabam participando mesmo que involuntariamente de alguns rituais dos clientes. Compreendemos isto no relato do funcionário Adilson Moreira, da Funerária Renascer Assistência Social e pós vida:

---

<sup>3</sup> Relato do Senhor Eugenio Fontes diretor da Empresa fúnebre Renascer, contando sobre experiência de alguns funcionários que ele já contratou, mas não conseguiram continuar, por não conseguirem lidar com o cadáver. Entrevistado dia 10 de outubro de 2017.

<sup>4</sup> Adilson Moreira, ex-agente funerário e supervisor do setor de assistência fúnebre da empresa da Funerária Renascer Assistência Social e Pós Vida, relatando sobre uma situação inusitada que aconteceu quando estava de serviço. Entrevista realizada na cidade de Delmiro Gouveia – AL, no dia 15 de dezembro de 2017.

Fizemos a arrumação do corpo, colocamos na urna, quando chegou umas pessoas para rezarem e como elas mesmo falaram, encomendar o corpo quando uma idosa que fazia parte do grupo de reza, pediu para colocar o cordão de São Francisco, e que sem ele, a pessoa não iria ser bem recebida por São Francisco no céu, tivemos que desarrumar o corpo que já estava coberto de flores e colocar o famoso cordão, foi uma situação chata, mas tínhamos que atender o pedido do cliente<sup>5</sup>

Situações inusitadas fazem parte do cotidiano do agente funerários, eles são instruídos pela a empresa a mudar os termos relacionados a morte, para que as pessoas incorporem como algo natural, procuram não usar a palavra morto ou cadáver, mas falecido ou ente querido, caixão agora eles chamam de urna, a mortalha foi substituída pela palavra vestimenta, etc. Há a necessidade de uma modalização do discurso dos agentes funerários para travestir a relação comercial que eles têm com os corpos dos mortos, em uma relação de preocupação afetiva e religiosa.

Os trajes de santos sugerem um apelo a proteção dos mesmos, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se perto de Deus, a roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração bem-aventurada. (REIS, 1991, p. 2).

As vestimentas de santos, identificavam também as pessoas que tinham grande devoção por santos, acreditavam que as vestes o protegiam na passagem e os livravam de espíritos ruins, facilitando a passagem para outra vida. Com isso, compreendemos que os indivíduos mudam de comportamento diante da morte, no contexto do conjunto de rituais e providências, nos quais cerca o evento outra situação bem diferenciada no depoimento do Adilson Moreira quando lhe perguntei se a família de algum falecido já tinha pedido para eles participarem de algum ritual:

Chegamos em uma casa, como tinha muitas horas que a pessoa tinha falecido, a boca estava aberta e não poderíamos quebrar o maxilar do mesmo, na frente da família, e eles não nos davam brechas para ficar sozinho com o corpo, foi quando um familiar, falou que se uma pessoa que não fosse da família pedisse falando o nome da pessoa que tinha morrido para ele fechar a boca ele fecharia, um dos agentes saiu da sala rapidamente pois estava prestes a ter uma crise de riso, o que ficou teve chamar o nome do falecido três vezes, como a família tinha solicitado, achando uma situação ridícula, mas não poderia desapontar o cliente, e logicamente o morto não fechou



a boca, mas a família ficou mais conformada depois da ação do agente.<sup>4</sup>

De acordo com a historiografia, é possível perceber que muitas práticas desapareceram com o tempo ou passaram por diversas transformações, mesmo que lentas e nos faz refletir de que forma isso acontece, e como muitas pessoas continuam levando algumas tradições por gerações, e compreendemos que os seres humanos sempre se preocuparam em seguir os rituais fúnebres. Na cidade de Delmiro Gouveia ainda se tem uma tradição de acompanhar o corpo em caminhadas pelas ruas até a chegada do cemitério, muitas vezes o local da casa do falecido até o cemitério é distante, mas as pessoas seguem pelas ruas como forma de última homenagem ao ente querido, quando a Funerária *Renascença* chegou na cidade de Delmiro Gouveia no ano 2000, nos primeiros anos de funcionamento, a urna era carregada braçalmente pelos familiares e amigos até o cemitério, com o passar do tempo, foi surgindo os carrinhos com suporte para urna, até o momento presente que o corpo é carregado nos veículos funerários, mas as pessoas saem em cortejo até o cemitério, num misto entre pedestres e carros com os sinais de alerta piscando, como uma tradição local. A situação chama a atenção de todos quando passa pelas vias públicas.

Compreendemos que os ritos são fundamentais em qualquer que seja a cultura, sendo indispensáveis, variando de acordo com cada cultura e região, são imprescindíveis para o momento de dar o último adeus a um ente querido.

### **3 BREVE ESBOÇO SOBRE O COMÉRCIO FUNERÁRIOO**

O comércio fúnebre tem aumentado ao longo dos anos, e os serviços prestados pelas empresas funerárias vem evoluindo nesse decorrer do tempo, com surgimentos de novas técnicas, uma maior comodidade para os familiares no momento da morte de um ente querido, lucro a emprese fúnebre, mais praticidade no domínio, burocratização e gestão dos mortos pelo Estado além de geração de impostos dentro das práticas funerárias. Para dar andamento aos sepultamentos, há algumas etapas, indo desde a preparação do falecido, até o momento do velório, as

---

<sup>5</sup> Adilson Moreira. Entrevista realizada na cidade de Delmiro Gouveia – AL, no dia 15 de dezembro de 2017.

organizações funerárias passam a cuidar desse trabalho, de procedimentos que antes eram domésticos, especializando pessoas para se responsabilizar por tais práticas. Associada à lógica de uma sociedade capitalista, em que a maior parte do tempo deve ser controlada e estar voltada à produção de trabalho, de bens e de lucros, onde as pessoas estão tendo menos tempo para outras atividades não utilitárias, essa profissionalização e comercialização fúnebres geram cada vez menos exigência da sociedade no domínio das medidas complexas em relação aos seus mortos. Uma das questões fundamentais para se refletir sobre a prática fúnebre no mundo contemporâneo é voltar-se para uma tradição que emana do pensamento existencialista, foi com Martin Heidegger<sup>5</sup>, que o voltar-se para o originário – entendido aqui como a própria prática funeral – mostrou-se pertinente na ideia de que se todos os projetos humanos derem errado, uma, de forma unânime, já deu certo, que é a morte. O homem existe no tempo, é produto da temporalidade. Essa realidade finita é o que sustenta o fito da nossa realização no mundo. Em outras palavras, somos seres consigo, com o outro e para a morte. A tecnicidade da era moderna, segundo o filósofo alemão nos distanciou de elementos da existência original, diante dessa condição do mundo pós-guerra, é preciso resgatarmos novamente a questão do “ser”, não do “ser” essencialista que remete a Aristóteles ou Tomas de Aquino, mas uma espécie de metafísica subjetiva. Esse olhar amplo sobre a atividade humana nos lança a um mundo onde nós mesmos somos “mundo”, é nesse sentido que não podemos reduzir toda atividade humana a estruturas econômicas. O cenário de um mundo pós-moderno nos coloca diante de um problema relacionado a vida e sua consequência última que é a morte. A morte como “mercadoria” não nos faz vislumbrar o seu sentido autêntico de ser, é preciso rever a prática fúnebre como aquilo que falamos anteriormente, um elemento antropológico e cultural ligado a nossa identidade.

A morte se transformou em uma indústria funerária rendável e os familiares encarregam-se das despesas para que o seu ente querido receba as últimas homenagens dignamente, além de serem poupados de todo trabalho e procedimentos acerca do corpo do falecido. O ramo empresarial funerário é recente e poucas são as fontes disponibilizadas para discussão do tema. De acordo com

---

<sup>5</sup> Filósofo alemão que escreveu umas das obras mais estudadas do século XX, a saber, “Ser e Tempo”. Na obra, diferente da tradição dialética da matéria histórica, o autor nos aponta o conceito de “Ser-aí”, que significa a ideia de que formos jogados no mundo, jogados na existência.

Belo (2013), o segmento funerário surgiu do momento, em que o governo não mais arcou com despesas de funerais, abrindo espaço para empresários adentrarem neste ramo, o primeiro plano funerário apareceu no país em 1970, e daí por diante o setor foi buscando estratégias para conquistar público.

As leis de regulamentação dos serviços funerários, foram surgindo de acordo a necessidade e o crescimento das empresas no segmento, e pela necessidade de cada localidade, em grande parte dos estados brasileiros, já possuem sindicatos defendendo o ramo.

A ex-presidente Dilma Rousseff, no dia 22 de março de 2016 sancionou a lei nº 13.261, regulamentando os planos funerários, uma grande conquista do segmento, possibilitando que a área trabalhe de acordo com a lei, aumentando o respeito pela classe e ganhando mais uma credibilidade no mercado, e ao mesmo tempo se profissionalizando ainda mais para atender as necessidades da sociedade no que diz respeito ao segmento fúnebre<sup>6</sup>.

As Funerárias trabalham com alguns serviços. No levantamento realizado na Funerária *Renascer*, elas dispõem de produtos como: coroa de flores, caixa para ossos, cadeiras de rodas, de banho entre outros, disponíveis apenas para os clientes que possuem plano funerários, porém se constatou que os serviços mais recorrentes nas empresas se referem a organização de funerais, preparação do cadáver, higienização do corpo. Informações colhidas em entrevista com o diretor da empresa Eugenio Fontes<sup>7</sup>, este relatou um aumento relevante a cada ano no número de assistência fúnebre.

Os custos desses valores variam dependendo do local e dos serviços prestados, abrindo espaço para uma concorrência que procura a cada dia inovações, tecnologias, muitas empresas já possuem centros de velório, onde são velados o corpo, oferecendo a família maior comodidade, o da Funerária *Renascer* está sendo finalizado será um dos primeiros centros de velório da cidade.

Observa-se que é um ramo em que os clientes estão cada vez mais exigentes, a maioria das empresas fúnebres hoje trabalham com planos funerários e

---

<sup>6</sup> PLANALTO. Lei de regulamentação de planos de assistência funerária. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2016/lei/13261.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/13261.htm). Acesso em: 20 de novembro de 2017.

<sup>7</sup> Eugenio Fontes é o diretor da empresa, falou sobre o crescimento anual de assistência fúnebre que é o principal serviço da sua empresa, mas não soube dizer em números esse crescimento e não permitiu que a pesquisa adentrasse nesses detalhes, preferindo deixar em sigilo.

os clientes passam a exigir tudo nos mínimos detalhes, são momentos que nos fazem refletir, que as pessoas mesmo tendo pavor da morte, ao pagar um planofunerário, ela acabam que organizando o seu funeral, ou dos seus entes queridos mesmo de antes de partir, pois a partir do momento que assinam um contrato funerário já sabem de todos os seus direitos, e passam a exigir cada detalhe, anteriormente as pessoas se espantavam quando chegava algum vendedor de planos funerários em sua residência, nos dias atuais as pessoas procuram as empresas com o intuito de fazer um plano, as empresas fúnebres hoje faz parte do cotidiano da vida das pessoas, dificilmente você encontra uma pessoa que não conheça os serviços prestados por empresas deste ramo.

Percebemos também a preocupação das empresas com a ornamentação do local, as mesmas investem para que onde estiver o velório feito por esta, sejam reconhecidas, colocam todos enormes nas ruas que, se por um lado ofertam sombra para os convidados do velório no clima quente de sol a pino do sertão, por outro lado, eles também chamam muita atenção de quem passa perto da rua onde o velório se realiza. Vê-se de longe os carros adesivados das empresas, os toldos caracterizados com as cores e logomarcas das empresas; dispõem-se também de inúmeras cadeiras, levam quites com cafezinho e biscoitos, entre outros tipos de lanches para serem servidos no momento do velório, levam bebedouros com água mineral, gostam de deixar seus veículos muitas vezes na porta do falecido para exibir sua logomarca. Conforme relatos dos entrevistados, percebe-se que as pessoas gostam dessa exposição, muitas se orgulham quando falam o nome da empresa na qual pagam o plano, e principalmente quando se sentem satisfeitas com o serviço recebido. O momento do velório acaba por espetacularizar ainda a morte. Apesar do sentimento de perda diante de um morto, há outros sentidos culturais que são mobilizados na prática funerária: a propaganda de uma empresa fúnebre; a ostentação de uma família que pôde pagar por um plano caro, com usufruto de tantos serviços numa sociedade sertaneja marcadamente pobre, as empresas fúnebres acabam que dando assistência tanto ao morto como aos familiares que o cerca, antes o trabalho no campo fúnebre era exercido mais por homens, hoje as mulheres tem se tornado figuras indispensáveis, como no caso da empresa tema do presente trabalho, as técnicas de enfermagem acompanham todo processo da assistência desde a preparação do corpo até o momento no sepultamento,

prestando serviços aos familiares que queiram aferir a pressão, ou que venham passar mal. No geral, a participação feminina nessas empresas diz mais respeito aos cuidados com os vivos dos momentos fúnebres. Os segmentos funerários vão buscando estratégias ao longo dos anos para conquistar clientes e se manter fortemente no mercado, tornando-se um meio muito lucrativo.

### **3.1 Funerária Renascer Assistência Familiar Social e Pós Vida**

A Funerária Renascer Assistência Social e pós vida, atua desde 2000 no mercado funerário na cidade de Delmiro Gouveia, atendendo quatro estados: Alagoas, Bahia, Sergipe e Pernambuco, prestando assistência 24 horas, trabalhando com traslado, reparação facial, maquiagem, entre outros. O empresário Eugenio Ferreira Fontes diretor e dono da empresa<sup>8</sup> é pioneiro no ramo na região, começou a trabalhar com o segmento fúnebre, desde 1993, na sua terra natal Santana do Ipanema município do sertão de Alagoas, mas ele trouxe essa ideia de uma empresa funerária com planos e atividades mais complexas de São Paulo, quando presenciou uma assistência feita por uma funerária local e ficou impressionado, pois até então desconhecia a tal prática por planos funerários. Conforme sua narrativa, ele presenciou um serviço completo por tão pouco dinheiro à senhora que era da vizinhança de onde morava em São Paulo. Ela pagava três reais mensalmente, o que não prejudicaria o seu orçamento e quando precisasse do serviço teria direito a assistência completa até o sepultamento.

O empresário decidiu apostar no segmento, cansado de não ter sucesso em nenhum empreendimento que tentava, trouxe essa proposta para Alagoas mesmo sabendo de todas as dificuldades que iria enfrentar e a rejeição pelas pessoas, ainda mais no interior cheio de tradições. Ele começou seus trabalhos na cidade de Santana do Ipanema, vendeu seu primeiro plano em sua residência, que servia de escritório, seu filho ainda garoto, era seu funcionário, juntamente com sua esposa que o ajudava na administração, começou a vender planos entre vizinhos, em banco

---

<sup>8</sup> Os dados dessa sessão são extraídos de entrevista concedida pelo senhor Eugênio Ferreira Fontes, diretor e dono da empresa funerária Renascer. A entrevista com ele foi muita rica em detalhes, o que dificultaria transcrever todos os excertos com detalhes das falas do entrevistado, pois extrapolaria os limites de tamanho deste texto. Assim, preferimos construir uma narrativa passando pelos principais pontos que apareceram nela, conforme o objetivo deste TCC.

de praça, mesmo tendo algumas rejeições principalmente por familiares, que o julgavam dizendo que ele estava agourando as pessoas vendendo caixão, não se deixou vencer pelas dificuldades, mesmo a morte um tema que gera medo nas pessoas, ele percebeu uma boa recepção. Conforme o senhor Eugênio, as pessoas gostam de novidades; mas ele percebeu que mais mulheres aderiam ao plano pelo fato de se preocupar com a família, além de garantir um funeral digno pagando tão pouco. Naquele momento, o valor era cinco reais. Em três anos sua empresa teve um crescimento relevante, já possuía alguns bens, porém em 1999 sua separação o fez deixar tudo pra traz e recomeçar do zero, abandonou seu empreendimento em Santana do Ipanema, e no ano 2000 se mudou para Delmiro Gouveia, por notar que a cidade estava se desenvolvendo, aproveitou que já tinha ganhado nome na região, pra dar início a um novo empreendimento no mesmo segmento, começou com um pequeno escritório, no centro da cidade onde nos dias atuais funciona como um ponto de recebimento, trouxe alguns familiares de Santana do Ipanema, para o auxiliar nesse serviço.

Em 2001 vendeu seu primeiro plano, e menos de um ano teve sua primeira prestação de serviço. O senhor Eugênio avalia que a Funerária Renascer contribuiu com o desenvolvimento da cidade de Delmiro Gouveia, pois após ter se instalado no município, outras “pequenas funerárias”, como ele chamou, que apenas vendiam urnas, começaram também a trabalhar com planos funerários, mesmo tendo algumas resistências do público no início, aos poucos as pessoas foram se acostumando com a ideia e percebiam que eram um bom negócio pagar oito reais mensalmente, ter direito a um funeral digno, e poder incluir várias pessoas no seu plano por um mínimo valor, funeral que antigamente se precisava ter um bom dinheiro, de uma só vez, passou a ser acessível para as pessoas de baixa renda. Em entrevista a um cliente que paga o plano desde 2006 ao perguntar o motivo pelo qual ele tinha um plano ele respondeu:

Ter um plano funerário foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, se eu morresse hoje não ia ter dinheiro para me enterrar, eu não gosto de dá trabalho, sem contar quando meu pai faleceu foi bem tranquilo, só liguei e a funerária foi buscar, e ainda me deu carona, não precisei me humilhar para a prefeitura, que as vezes dão um

caixão fraquinho que é capaz de ficar do defunto nem chegar no cemitério.<sup>9</sup>

Podemos compreender que o plano funerário passou a fazer parte da vida das pessoas e do orçamento familiar, hoje as pessoas procuram os escritórios da empresa em busca de fazer seu plano, a empresa além de contribuir com a sociedade delmireense, impulsionou outras empresas abrirem no mesmo segmento, ao prestigiarem seus serviços e aceitação do público, nota-se que os clientes ao longo do tempo passaram a exigir mais, tem pessoas que chegam a escolher até o próprio veículo para ser conduzidas na hora de sua morte, tem aqueles que procuram a empresa pra ver a urna funerária que serão enterrados, acontece até de muitos pagarem o plano e no momento que morre alguém que está no plano, a família paga uma diferença que na maioria das vezes é um valor bem considerável pra trocar a urna, por uma urna mais sofisticadas, é um campo bem contraditório onde se paga um valor alto para ser enterrado, a empresa chega a ter urnas que custam quinze mil reais, havendo quem pague satisfeito só para ter uma urna de luxo para um ente querido. Os familiares que pagam por estes serviços de luxo dizem que o valor da pessoa é impagável, mas esses altos custos fazem parte dos serviços particulares, extra planos funerários. A maioria das vendas da assistências são pelos planos.

A empresa trabalha com três tipos de plano: plano vip que é o padrão onde as pessoas pagam 29,80 mensais com reajuste anual, tem o avançado, que é 35, 80 e a máster que custa 55,00, valores pequenos, considerado que pode incluir mais dez pessoas, totalizando, com o titular, onze pessoas. Em dois meses de pagamento, os clientes já têm direito de assistência pelo plano. No levantamento do estudo foi observado que a maioria dos clientes possuem poucas condições financeiras, porém priorizam o plano como uma conta de luz, por saberem dos altos custos e ver muitas famílias desesperadas por não terem dinheiro para enterrar seus familiares.

O plano acaba sendo de baixo custo e dando uma maior comodidade, apesar que muitas pessoas financeiramente estáveis procuram a empresa para fazerem seus planos, pois mesmo tendo dinheiro para o funeral no momento da morte, muitos ficam paralisados com a dor, sem ação para resolver essas questões, e o

---

<sup>10</sup> Ivanildo Albuquerque, cliente da empresa desde 2006. Entrevista realizada na Funerária Renascer, no dia 10 de outubro de 2017.

plano oferece um conforto, pois na hora na assistência, basta uma ligação e a empresa se responsabiliza por todos os procedimentos, desde ir buscar, tanto na cidade, como em outros lugares, hoje em dia já fazem a arrumação em um espaço reservado na empresa para tal prática com o cadáver. Não precisam arrumar os corpos nas residências dos falecidos. Essa é outra transformação que está sendo inserida nas práticas funerárias do sertão.

A empresa possui tipos de assistências diferenciadas, variando de acordo com a religião, pessoas que são evangélicas, recebem um modelo de assistência se adequando a sua religião, pessoas católicas geralmente gostam de velas nas assistências, até mesmo no cortejo, as músicas vão de acordo com a solicitação do cliente. Na cidade muitas pessoas ainda tem a cultura do anúncio, onde um carro de som sai pelas ruas anunciando o falecimento de alguém e convidando os antigos conhecidos e amigos do falecido render homenagem e solidariedade para o velório e sepultamento, a empresa dispõe de parcerias na cidade para executar esse serviço, e quando presta serviços em outras regiões dispõe de valores para os cliente com a finalidade do anúncio.

Conforme o empresário, a Funerária Renascer vem se destacando no mercado por sempre está buscando meios de garantir uma maior comodidade aos seus clientes, com intuito que eles se sintam cada vez mais acolhidos, em um momento de dor, disponibiliza de fotos de recordações, quando o morto recebe a assistência, os funcionários pegam uma foto com a família, o pessoal do escritório confecciona, e levam na residência dos familiares, essas lembrancinhas vão acompanhadas da foto com uma mensagem e são geralmente distribuídas nas missas, ou entre os familiares e amigos, a empresa se adequa as tecnologias, hoje as pessoas enviam as fotos pelo aplicativo WhatsApp, solicitam visitas pelo mesmo para alterarem seus planos, os clientes da empresa tem descontos em vários estabelecimentos como clínicas, farmácias, laboratórios, como sendo uma forma de aproveitar do que está pagando em vida, o diretor da empresa já tem projetos quando estiver funcionando o centro de velórios, fazer velórios online, onde pessoas de outros lugares iram poder acompanhar o velório sem se deslocar.

Com todos esses relatos é possível compreender como esse tipo de empresa fúnebre mexe na economia e na cultura da cidade, se insere e forma redes de colaboração empresarial, ocupa um lugar de disputa simbólica frente o poder público



local pela competência de um auxílio fúnebre digno para os mortos e seus familiares, como vem transformando as práticas funerárias no sertão alagoano e adjacências e como vem conquistando inúmeros cliente ao longo dos anos se tornando referência na cidade e região.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS**

O presente estudo contou com a metodologia de pesquisa qualitativa, que possibilitou uma visão ampla sobre o tema, segundo Oliveira (2002), a pesquisa qualitativa não tem o intuito de medir, mas a fim de facilitar a compreensão de aspectos que não podem ser quantificados, no que diz respeito a pesquisa qualitativa, não basta apenas conhecer o objeto, mas buscar conhecer suas experiências, suas trajetórias, a busca pelo interesse de vivenciar a pesquisa.

A pesquisa de campo é marcada pela presença direta do pesquisador com o seu objeto, a sua observação e a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas como técnica de coleta de dados semiestruturadas. Segundo Martins e Lintz (2009), esse tipo de pesquisa faz com que o pesquisador busque dados, percepções, opiniões para obtenção de informações relevantes sobre o tema.

A técnica de entrevista, tem o intuito de entender os significados, que os indivíduos entrevistados dão as questões e situações postas pelo pesquisador sobre o tema. Outra técnica utilizada foi a pesquisa bibliografia esta foi de fundamental importância, a pesquisa documental, que para Oliveira (2002) resulta conhecer as diversificadas formas de contribuições científicas sobre o tema escolhido sobre determinado conteúdo.

Os sujeitos da pesquisa foram o diretor da empresa este por ter dado início ao empreendimento, além de ser o pioneiro na região, sua contribuição foi de extrema importância para o andamento da pesquisa, o ex-agente funerário, hoje supervisor da empresa foi escolhido, por ser o funcionário mais antigo da empresa, trabalhou como agente funerário, tem um conhecimento amplo sobre a vivência com a prática fúnebre, além do contato direto com o cliente e os vários setores da empresa, por último foi realizado uma entrevista com um cliente da empresa, Ivanildo

Albuquerque<sup>10</sup> escolhido por ser um dos primeiros clientes da empresa, quando a mesma, estava se estabilizando na cidade e também por já ter tido experiência com o serviços funerários quando receber uma assistência do plano funerário para seu pai, ressaltou que o interesse na empresa se dava pelo fato de não ter condições de pagar o valor integral, ciente do alto custo do serviço.

As entrevistas foram realizadas na própria funerária, onde todas as partes se mostram dispostas a contribuir com a pesquisa, as entrevistas foram realizadas pela técnica de história oral, gravada em áudios, todas com o consentimento dos entrevistados, assinando um termo de consentimento.

## **5 CONCLUSÃO**

Depois de percorrer vários períodos da história, foi possível perceber que mesmo a morte, tendo caráter universal, pois somos todos mortais e vamos construindo social e culturalmente consciência da nossa finitude, as representações da morte passam por mudanças importantes ao longo do tempo. E entender essas modificações sucedidas nos comportamentos sociais em torno da morte, é relevante para compreender a dinâmica econômica do comércio funerário. Onde as pessoas pagam uma pequena mensalidade e recebe toda a assistência e comodidade no momento do luto, por mais que se tema a morte, porém não impede que ela o atinja, pois é a única certeza que se tem, porém hoje as empresas fúnebres atuam de uma forma de proporcionar pra família uma maior comodidade, se inserindo em sistema comercial lucrativo, por não haver políticas assistencialista as famílias com relação a morte, os indivíduos na maioria das vezes por não dispor de condições financeiras, visando os altos custos do serviços fúnebres, recorrem aos planos funerários, pelo baixo valor, pois se chegada a hora da morte estarão acobertadas.

Contudo, percebemos uma dualidade em torno da morte, por um lado a espetacularização da morte, tanto por parte da família, que mesmo passando pelo momento do luto, do sentimento da perda, aproveitam o momento para usufruir simbolicamente do status, isso fica evidente nos velórios sofisticados, onde cada vez mais é exigido incrementos com toda estrutura material possível, do outro lado a

---

<sup>10</sup> Ivanildo Albuquerque, cliente da empresa desde 2006. Relatando sua experiência com a empresa fúnebre Renascer. Entrevista realizada na Funerária Renascer, no dia 10 de outubro de 2017.

empresa que aproveita desse momento para propagandear-se, exibindo sua logomarca, ganhando ênfase a cada serviço e lucrando em cima disso. O universo da morte e cenário fúnebre passa por mudanças, e as empresas fúnebres vão acompanhando esse processo, e os indivíduos, mesmo pagando seus impostos regularmente, em um momento frágil de perder um ente querido fica à mercê das empresas fúnebres.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História da Morte no Ocidente** – da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BELO, V.; FREITAS, W.R.S; NASCIMENTO, C.S; OLIVEIRA-SILVA, J.N.; PELI, P. Q.; SOUSA, D. Comportamento do consumidor de serviços funerários em Parnaíba-MS. Anais de Eventos da UFSCar – **XX Congresso de Iniciação Científica da UFSCar**, 2013, São Carlos, SP.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DARWIN, C. **A expressão das emoções do Homem e nos Animais**. São Paulo: Companhia de Letras 2000.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOMES, A. M. A.; RUIZ, E. M. **Vida e morte no Cotidiano**. Reflexões com Profissional da Saúde. Fortaleza: Eduece, 2006.

GEBBEP, Arnold Van. Os ritos de passagem, Petrópolis: Ed. Vozes. 1978

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo. WMF Fontes, 2012.

LORENZ, K. **Fundamentos de Etologia**. São: Paulo. Ed. Universidade Estadual Paulista, 1995. P.432.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2.ed São Paulo/; Brasiliense, 1986.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte: Estudos sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo Parques das Flores, em Alagoas**. Recife, 2009. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

MORIN, Edgar. **O Homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 354 p.

PLANALTO. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2016/lei/l13261.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/l13261.htm). Acesso em: 20 de novembro de 2017.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MARTIN, Heidegger. **Ser e Tempo (Partes I e II)**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

TORRES, W.C. A redescoberta da morte. In: GUEDES, W. G; TORRES, R.C;\_\_\_\_(Orgs). **A Psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

